

Opinião

FHC

Até aqui tudo bem

WILSON FIGUEIREDO

A impressão desde o primeiro dia passada pelo governo Fernando Henrique é de estar sempre recomeçando. O modelo é o castigo de Sísifo, condenado pelos deuses a empurrar eternamente morro acima uma enorme pedra que, ao chegar ao topo, a gravidade empurra de volta à base da montanha.

O eterno recomeço henriquino lembra os antigos projetores cinematográficos que a toda hora interrompiam a sessão para emendar a fita partida. Acendiam-se as luzes entre vaias e patadas. As famosas reformas de Fernando Henrique não se consumam. São enroladas, desenroladas e emendadas. A única que entrou automaticamente em vigor foi a da reeleição, que não constava do programa. Foi a última a chegar mas a primeira gerar conseqüências.

Na fase intensiva de governo, o presidente parecia alguém ciente do que quer mas sem saber como conseguir. Os sinais de depressão cederam com a promulgação da emenda da reeleição. O problema não está mais com ele, agora é com a oposição. Não demora e um Fernando Henrique novinho em folha ressuscitará das cinzas das pesquisas e logo estará entre nós. Lépidio, eufórico, falante e derrapante.

O breve hiato depressivo manifestado no presidente teve diferentes diagnósticos políticos que dificultam verificar a qual tratamento se deve a cura. No fundo, todo governo tem um prazo de carência para definir-se. Os primeiros 100 dias eram suficientes mas com a televisão ficou sobrando tempo. Os enfáticos, propensos aos superlativos absolutos, ga-

rantem que uma semana é suficiente para tomar o pulso do governante. O prazo varia com a personalidade, mas os presidentes não superam o que pareceram na primeira semana. Sabe-se com alguma segurança como começam mas não como terminam os governos.

Jânio Quadros não precisou mais que algumas horas para dizer a que vinha e deixar implícito a que se iria. Era caso de tratamento urgente mediante reeleição, mas ninguém entendeu. O fato é que não há critério confiável. A ciência não se ocupa das funções exercidas pelos oráculos da Antigüidade. Que presidente não terá sonhado com reeleição? Quem podia imaginar que Getúlio Vargas (que abriu mão da reeleição, por ociosa) seria deposto na primeira vez e na outra se mataria? E Dutra, que cedeu um ano em reverência à Constituinte? JK recusou a reeleição que merecia. Nem agradecimento teve. Tancredo morreu sem tomar posse e José Sarney teve de se bater como um cruzado para não ser enquadrado em quatro anos. Collor foi devolvido com pouco mais da metade do mandato e Fernando Henrique ganhou a reeleição sem nada ter feito para merecê-la.

Tudo, porém, se encaixa e se explica depois. Pelo menos no caso de Fernando Henrique com a reeleição, há um precedente. Viúva em excelente estado, vista com bons olhos na cidade, mantinha à distância com postura altaneira admiradores de boa extração social. Tempos depois ficou sabido que mantivera caso sigiloso com o menos qualificado — em suma, um pronto — dentre os seus admiradores. Um deles, por sinal, autorizado pela relação pessoal, quis esclarecer o

mistério da preferência inusitada. Ficou sabendo da própria viúva que não havia mistério: só ele havia pedido os seus favores. Fernando Henrique foi o único que pediu a reeleição.

Machado teria ponderado a Fernando Henrique ser preferível despencar do alto das pesquisas a cair do terceiro andar que ele utilizou em outra comparação. Para o fim a que se destina, não faz diferença a altura em qualquer das hipóteses cogitadas. O presidente continua firme na primeira. Será melhor, porém, que tenha caído em si depois da aprovação definitiva da emenda que o recandidata ao lugar que não chegou a esquentar.

Moral de histórias de quedas sem grandes conseqüências é a versão do sujeito que se atirou do 20º andar e, de passagem pelo 15º, considerou que tudo corria bem até ali. A certa altura da queda nas pesquisas o presidente deve ter produzido alguma reflexão de ordem prática e se reencontrado com o seu estado habitual de semi-euforia.

A reeleição (entre outras razões) reduz a distância entre o Brasil e os Estados Unidos e inaugura aos trambolhões uma nova era, retificando a Constituição, globalizando-se e reformando o guarda-roupa corporativo com o talho neoliberal. O regime agüentou bem, mas as pesquisas de opinião estranharam. A oposição esperneou, porque é da sua natureza ser birrenta. É recurso infantil, mas de alguma eficácia. Afinal, a breve depressão presidencial se deveu às pesquisas de opinião que utilizaram por engano a escala Richter, mais adequada a terremotos que a abalos políticos.